

PROMOÇÃO DA SAÚDE PARA QUALIDADE DE VIDA E SUSTENTABILIDADE

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA EM MULHERES DA ZONA RURAL: EXPERIÊNCIAS E ENFRENTAMENTO

Sáskya Jorgeanne Barros Bezerra¹
Roana Bárbara de Almeida Gouveia²
Beatriz de Castro Magalhães³
Grayce Alencar Albuquerque⁴

Na zona rural existem peculiaridades e dificuldades de acesso aos serviços de enfrentamento a violência contra a mulher, o que impede a notificação e denúncia de agressões, haja vista o caráter insidioso da violência doméstica, devendo as mulheres dessa região se reconhecer como em situação de violência e suas experiências não serem silenciadas. Assim, objetiva-se descrever as percepções e experiências de mulheres rurais frente à violência doméstica. Trata-se de um estudo exploratório, descritivo, qualitativo, na qual foram entrevistadas 10 mulheres residentes em zona rural do município do Crato, Ceará, Brasil, durante o primeiro trimestre de 2021. Os dados foram obtidos por meio da aplicação de uma entrevista semiestruturada via ligação telefônica, gravados e transcritos. Os discursos foram preparados para análise pelo *software Interface de R pour L Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires* (IRAMUTEQ) e posteriormente analisados à luz da literatura pertinente. Este trabalho foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com parecer nº 4.270.219. A maioria das entrevistadas são mulheres jovens adultas, pardas e pretas, exercem profissão de agricultoras e professoras, possuem baixa à média renda e residem em zona rural há mais de 10 anos. Percebe-se que todas já vivenciaram ou presenciaram situações de violência no âmbito rural e reconhecem os impasses particulares da ruralidade frente ao agravo, como a presença marcante do machismo e patriarcado, a distância geográfica aos equipamentos de saúde e de denúncia, a invisibilidade e silenciamento da violência no lar. Além disso, existe uma compreensão sobre a violência contra a mulher, no entanto, a falta de apoio familiar, o caráter silencioso e cíclico da violência doméstica faz com que essas mulheres não denunciem as agressões e/ou não rompam o relacionamento com o perpetrador. Conclui-se que pôde-se desvelar experiências e descrever percepções das próprias mulheres sobre o fenômeno, proporcionando uma dimensão mais ampla de compreensão, o que pode fomentar a tomada de decisões adequadas à realidade, tanto ao patamar de ações combativas locais, quanto frente à criação de políticas públicas.

¹ Enfermeira (URCA), Pós-graduanda pelo Curso de Mestrado Acadêmico em Enfermagem (CMAE-URCA), membro do Grupo de Pesquisa Sexualidade, Gênero, Diversidade Sexual e Inclusão (GPESGDI), e-mail: saskya.barros@urca.br

² Discente do programa de pós-graduação em mestrado acadêmico em enfermagem (PMAE) da Universidade Regional do Cariri (URCA). Membro do Grupo de Pesquisa Sexualidade, Gênero, Diversidade Sexual e Inclusão (GPESGDI). Bolsista Funcap. Email: roanagouveia@gmail.com

³ Residente em Saúde Coletiva na Universidade Regional do Cariri (URCA). Email: beatriz.castromagalhaes@urca.br

⁴ Professora Permanente do Mestrado Acadêmico de Enfermagem da Universidade Regional do Cariri, Coordenadora do Observatório da Violência e Direitos Humanos da Região do Cariri, Líder do Grupo de Pesquisa Sexualidade, Gênero, Diversidade Sexual e Inclusão (GPESGDI) da Universidade Regional do Cariri (URCA). Email: grayce.alencar@urca.br

Descritores: População rural; Violência contra a mulher; Violência doméstica

Apoio/Auxílio Financeiro: Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP).